

e por aí fora

casa invisível

e por aí fora

casa invisível

Título

e por aí fora

Edição e Produção

Casa Invisível

Revisão Editorial

Catarina Claro e Cristiana de Sousa

Fotografias

Pedro Sousa

Paginação e Design Gráfico

Rosa Franco Moniz

Impressão

Tipografia Natividade

250 exemplares

Os textos desta publicação estão escritos segundo o antigo e o novo acordo ortográfico, mediante a escolha de cada autor/a.

Todos os direitos reservados.

Promotor:

casa invisível

Financiadores:

**PARTIS &
ART FOR CHANGE**

Uma iniciativa:



**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**



Parceiros:



funchal.pt
MUNICÍPIO



FRACTAL



Trégua é um projeto multidisciplinar de arte participativa com especial enfoque nas artes visuais, desenvolvido com pessoas em situação de privação de liberdade no Estabelecimento Prisional do Funchal (EP) e estudantes universitários da licenciatura em artes visuais da Universidade da Madeira (UMa).

Promovido desde 2022 pela Casa Invisível – Associação Cultural, em parceria com a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e a Câmara Municipal do Funchal, foram levadas a cabo, ao longo de 3 edições, um conjunto de propostas artísticas dirigidas à população masculina e feminina do EP. Para além dos processos de criação vivenciados por todos os envolvidos no projeto e do debate que a sua visibilidade tem estimulado em diferentes contextos da comunidade regional, tornou-se claro para a equipa da Casa Invisível que a verdadeira transformação social acontecia sob um certo manto de invisibilidade, na relação entre artistas orientadores, participantes, guardas prisionais, equipas técnicas do EP. Não chegava, portanto, contar a história da experiência vivida entremuros. Tornava-se evidentemente necessário

trazer a comunidade para dentro da prisão.

2025 foi o ano em que sonhámos mais alto e isso só foi possível graças à parceria celebrada com a Universidade da Madeira, que se juntou aos iniciais e sólidos parceiros do projeto e ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação “la Caixa”, através da iniciativa PARTIS & Art for Change.

Ao longo de seis meses de sessões semanais e/ou quinzenais na UMa e no EP, sete pessoas privadas de liberdade e catorze estudantes universitários formaram um só grupo de trabalho.

Recorrendo a metodologias participativas de educação artística e intervenção social, o projeto dividiu-se em três momentos:

Oficinas Paralelas ao longo dos primeiros três meses, em que foram levadas a cabo as mesmas sessões de oficina de Desenho e autoconhecimento e Artes plásticas com os dois grupos em separado, nas respetivas instituições (UMa e EP). Demos então início a um movimento de correspondência visual, “antes de nos vermos, já nos conhecemos”. No final de cada sessão, os participantes foram desafiados a desenhar determinados assuntos

e os registos visuais foram entregues na sessão seguinte, em envelope fechado, a um/a outro/a participante na prisão/universidade e vice-versa.

Oficinas Conjuntas durante o mês de Maio, em que os dois grupos se juntaram no EP para, ao longo de 6 sessões, participarem em conjunto nas oficinas de arte pública.

Exposição TODA A GENTE, patente entre Junho e Julho. Uma mostra de registos visuais fruto de processos de curadoria e montagem colaborativas. O grupo de participantes expôs na Galeria Impulso - da Câmara Municipal do Funchal - uma seleção de alguns dos registos visuais realizados ao longo do primeiro semestre de experimentação artística coletiva.

Todo este processo foi documentado e é agora partilhado nesta publicação, acompanhado de reflexões de vários intervenientes.

Dezembro de 2025









Há dias, enquanto estava no consultório da minha dentista numa consulta de rotina, com tubos de sucção na boca e outros instrumentos, dei por mim a tentar comunicar com ela e com as suas duas assistentes sobre o Trégua. Foi um tremendo exercício: entre desconstruir o preconceito em torno do sistema prisional e das penas aplicadas aos reclusos, resistir à caricatura da minha figura, sentada numa cadeira reclinável a tentar falar com aquelas pessoas naquele lugar e apreciar a leveza de perceber que tinha diante de mim uma profissional sensibilizada pela causa e genuinamente interessada em saber mais.

Ao longo destes anos, tivemos a oportunidade de colaborar com diversas pessoas e, apesar de o projeto parecer ser recente, já testemunhámos muito e fizemos tanto. Vi participantes a sair da prisão sem destino, sem dinheiro sequer para um bilhete de autocarro até ao centro do Funchal. Outros, que sem alternativa acabaram na rua, e houve até quem, sem apoio familiar ou um lugar onde ficar, regressasse voluntariamente ao EPF, em busca de abrigo.

Nem todos tiveram as mesmas oportunidades.

Tenta, por um momento, colocar-te no lugar de uma destas pessoas: nasces na Madeira, numa família que te abandona e acabas por ser acolhido por uma avó idosa. Quando ela falece, o sistema envia-te para uma instituição em Lisboa. Ao completares 18 anos, o sistema já não pode “cuidar” de ti e devolve-te à ilha. Aí, sozinho, sem família, sem amigos e sem rumo, o que farias?

Uma das perguntas que mais oiço ao longo destes anos é: “E não tens medo?” ou então: “Tu só trabalhas com os bonzinhos, com os maus não, pois não?”. Mas afinal, quem são os “maus”? Se alguém foi “mau”, será que o será para sempre? E quando essas pessoas saírem da prisão, como lidaremos com a sua presença, direta ou indiretamente nas nossas vidas? Acreditem, a inércia das penas, em nada contribui para a reintegração destas pessoas na sociedade, muito pelo contrário, cria-lhes ainda mais obstáculos.

Na verdade não, não sinto medo. Sinto antes leveza. Já aconteceu várias vezes entrar na prisão carregada de preocupações do dia a dia, e ao estar com aquelas pessoas, esquecer-me delas por completo. Deixar o telemóvel na portaria e seguir

para as atividades coletivas, mergulhar em exercícios de desenho e movimento que nos elevam e nos colocam a todos num plano horizontal onde reina o respeito, a empatia, a partilha e até mesmo o carinho.

A interação com estas pessoas é como qualquer outra, mas no Trégua é ainda mais especial, porque conseguimos ver, de forma clara, o impacto positivo que a arte tem e pode continuar a ter na vida de todos. Se acham-nos malucas? Provavelmente sim. Pode ser que nem todos compreendam ou reconheçam à primeira vista o que tentamos fazer, mas quando continuam a comparecer, sessão após sessão, enfrentando os desafios sem questioná-los e dedicando-se cada vez mais, a transformação acontece.

Questiono-me muitas vezes se não será mais transformador para nós, que estamos habituados a ver pessoas privadas de liberdade em filmes e séries vestidos de cor de laranja, em prisões de alta segurança... De repente, tudo se desconstrói quando nos damos a oportunidade de passar tempo com alguém cuja humanidade nunca reconheceríamos se focássemos a lente do preconceito apenas no seu

crime e não escutássemos a sua história, ou conhecêssemos as suas fraquezas e vulnerabilidades. Curiosamente, escrevi parte deste texto na promenade de Santa Cruz. À minha frente, do outro lado da praça, dois jovens falavam com uma raiva disfarçada de bravura, sobre “partir a boca a alguém”. E pensei em quantas vezes já ouvira algo semelhante dentro das prisões, essa mesma falta de tolerância e de inteligência emocional que, afinal, não conhece muros.

Estar no Trégua faz-me valorizar ainda mais a vida que tenho e a educação que recebi, não apenas dos meus pais, mas também de profissionais maravilhosos ao longo da minha vida. Muitas vezes a vida é isso: dizem que a sorte é algo que se conquista e que tem que ser trabalhada, mas acredito que há uma equação que não controlamos, algo que envolve o contexto onde nascemos, as pessoas que nos educam nos primeiros anos, a família e os amigos que temos ao longo da vida, para além das escolhas que fazemos e das oportunidades que surgem.

A arte tem o dom de curar as falhas e ausências que a vida nos impôs. A arte é um espaço que acolhe, une e devolve a cada um a possibilidade de recomeçar.



A arte em meio prisional é o que de mais próximo há da vida como gostaríamos que ela fosse. Um laboratório onde nos experimentamos de forma livre, responsável e segura, numa relação de alteridade. – Catarina Câmara (2025)



No Estabelecimento Prisional do Funchal (EP) há um conjunto de chaves com um pequeno porta-chaves de etiqueta onde se pode ler: “Trégua”.

Aquelas são as chaves que abrem semanalmente uma arrecadação e uma modesta caixa cofre onde guardamos o material essencial para o decorrer das oficinas. Recordo a primeira vez que aquela etiqueta nos chegou às mãos, a acompanhar o pequeno conjunto de chaves. “Um objeto tão pequeno e simultaneamente tão simbólico”, pensei.

Qualquer chave nasce de uma promessa de liberdade.

Qualquer etiqueta fixa uma narrativa única.

Numa prisão a chave simboliza poder. O de abrir portas, de permitir a circulação e o acesso a algo ou a alguém. Mas também o poder de encerrar, de trancar, de estabelecer fronteiras entre o dentro e fora. Uma etiqueta, por sua vez, cataloga, classifica, simplifica o acesso. E esconde todas as subjetividades: as histórias, as feridas, a criatividade, a dignidade.

Todas as quartas e sextas de manhã, a nossa equipa recolhe na portaria do EP as chaves “Trégua” e devolve-as no final da sessão. É um ritual que temos tão bem ensaiado quanto as dinâmicas de grupo em grande roda, que marcam sempre o início das sessões e juntam todos os elementos do grupo - orientadores e participantes.

Engane-se aquela que pensar que estas chaves “Trégua” são especiais em relação às anteriores, ou que aquilo que nos propomos a fazer com este trabalho é muito nobre e digno de louvores - não serão eles também etiquetas?

A única diferença estará talvez no exercício constante de não perdermos a consciência de

que este projeto não tem qualquer pretensão de empoderar, dar voz ou salvar a vida das pessoas que temos tido a felicidade de conhecer e com quem temos tido o privilégio de viver intensos processos de criação artística. O poder está lá, a voz existe, a vida pulsa em cada uma delas. As nossas chaves só atravessam as portas do medo e da marginalização, para abrir espaços seguros de relação e de escuta - campos férteis para a experiência artística.

A arte tem esse potencial infinito de nos dar imaginário, de nos permitir experimentar o que ainda não foi feito, de desenhar o que está por vir. E ao arriscarmos nesse voo livre (re)descobrimo-nos, para conhecer o outro e dar significado ao mundo à nossa volta.

Amanhã é quarta-feira e regressamos à prisão, uma vez mais.

Regressaremos tantas vezes quantas pudermos. Porque desejamos que um dia estas chaves e esta etiqueta não nos sirvam mais, pois deixará de haver justificação para a sua existência. Então seremos capazes de reconhecer que as portas trancadas (as do preconceito e das crenças também) fazem

de nós uma sociedade mais pobre, menos justa e menos Humana.

*Até ao meu regresso.
Sempre tu,*







Trégua é pausa. É lugar seguro. É família. Lugar sem julgamento. É encontro. É recomeço.

O Projeto Trégua nasce no Estabelecimento Prisional do Funchal, pelas mãos da Casa Invisível e da Câmara Municipal do Funchal, entidade parceira, à qual se junta, nesta fase, a Universidade da Madeira.

Este projeto fez-nos repensar o que tínhamos como certo, e conhecido, ao nível da colaboração com a sociedade civil. Fez-nos perceber que podemos fazer diferente - e fazer melhor – na forma como procuramos trazer algum significado à vida daqueles que estão ao nosso cuidado, numa fase muito particular das suas vidas: o momento em que se encontram privados de liberdade.

O caminho para a liberdade começa, paradoxalmente, quando um cidadão livre, se vê na condição de cidadão privado dela. Entre muros e silêncio, é possível traçar um novo percurso – um caminho onde o erro não define, mas ensina.

A prisão é um lugar de muitas pessoas, para muitas pessoas. Histórias com todo o tipo de marcas, de escolhas, de recomeços, de tentativas falhadas,

de poucos sucessos, mas de esperança.

O Trégua é significar.

Em cada gesto criativo, em cada ofício aprendido, nasce a esperança de reconstruir a “casa” interior - aquela que abriga o sonho, o arrependimento e o desejo de recomeçar.

É momento de reflexão.

De, por instantes, esquecer onde se está.

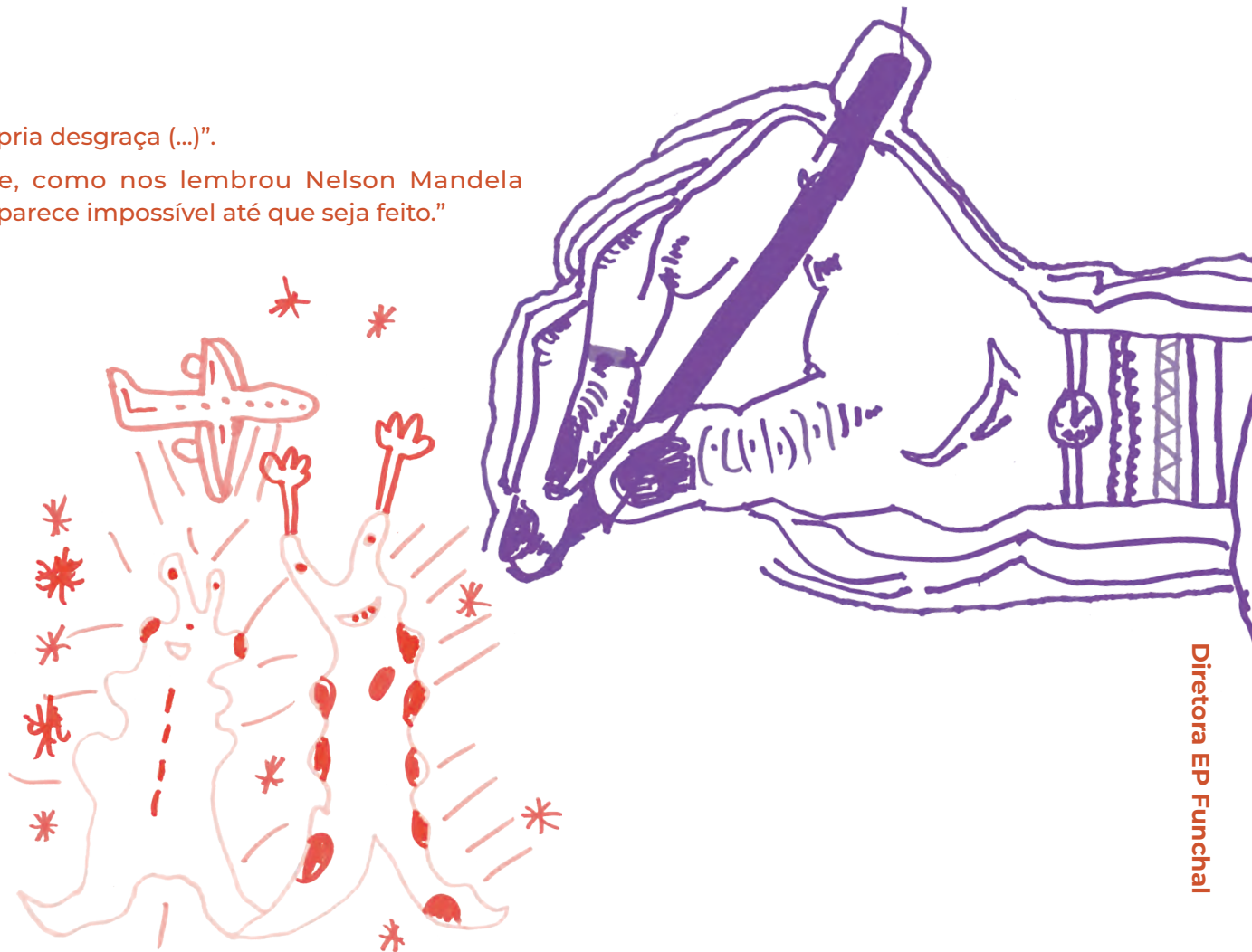
De sentir que outra vida, outro caminho, são possíveis.

E de repente, num lugar absolutamente improvável, o processo artístico, é uma ponte para o recomeço. Apresenta-se com o potencial de resgatar a dignidade, despertar talentos e revelar o humano por trás da sentença.

Não conseguimos medir os resultados deste projeto, de forma clássica. Mas sabemos que a semente lançada neste solo improvável, quer-nos recordar que é importante termos fé na capacidade humana de regeneração, onde, como escreveu Manuel Alegre “(...)há sempre uma candeia dentro

da própria desgraça (...).”

Porque, como nos lembrou Nelson Mandela
“Tudo parece impossível até que seja feito.”





Worm
Tom
Aqua

Universidade da Madeira





“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

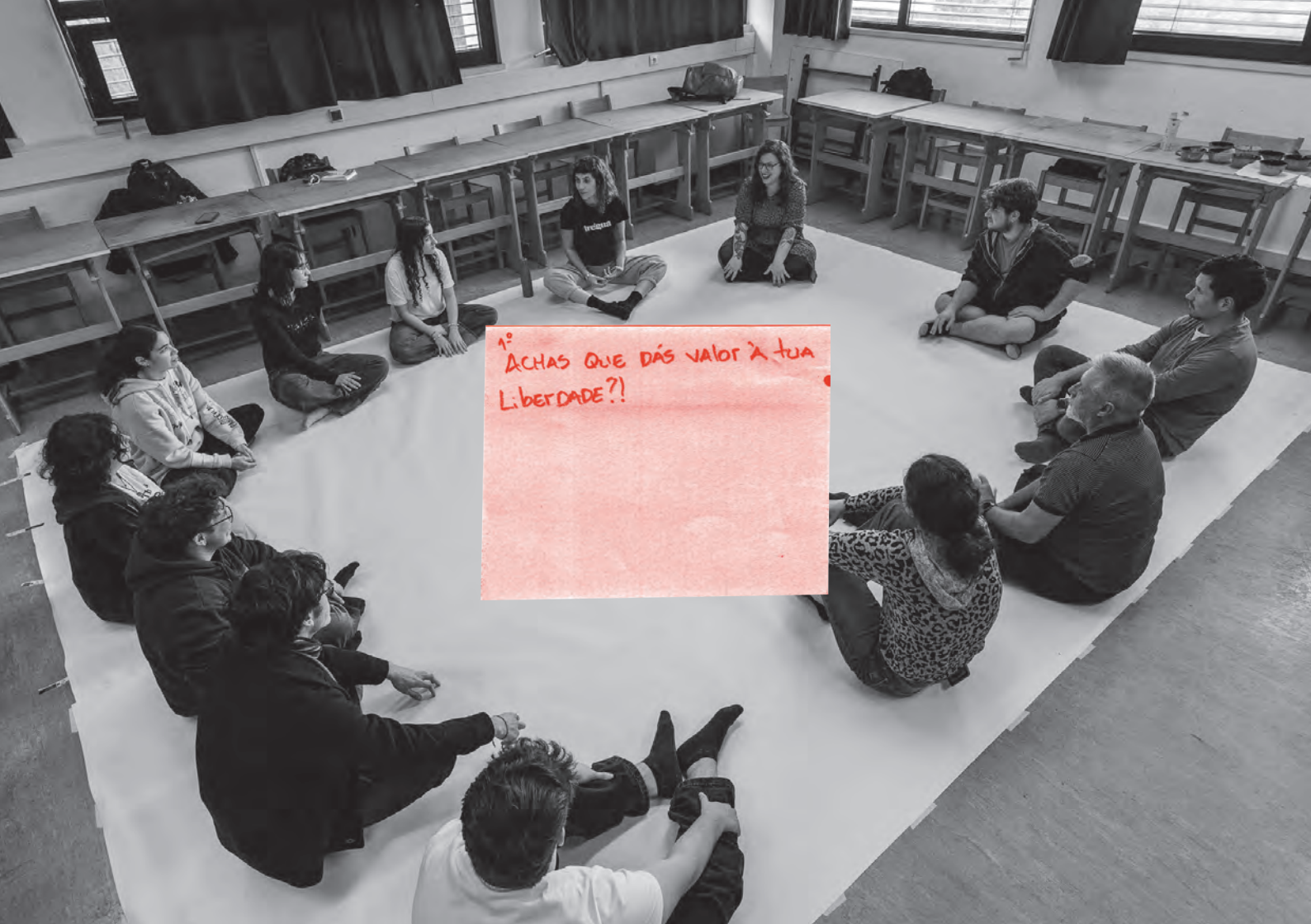
”

“

”

“

”



1º
ACHAS QUE DÁS VALOR À TUA
LIBERDADE?!







Não fui com grandes expectativas nem receios. Este projeto já acontece há mais tempo e, na apresentação feita pela equipa do Trégua aquando da primeira visita à nossa Universidade, percebeu-se que tudo era realizado com segurança. Por isso, nunca pensei que algo de mal pudesse acontecer aos participantes. O único receio que tive foi o de não conseguir demonstrar, através da minha linguagem corporal, a segurança que sentia, mesmo estando num estabelecimento prisional com as pessoas que o frequentam.

Todas as atividades foram, para mim, um pouco desafiantes, porque tenho alguma dificuldade em socializar e em experimentar coisas novas. Mas foi também por isso que entrei no projeto: para sair da minha zona de conforto.

Houve um momento muito especial para mim, dentro do estabelecimento prisional: estávamos a fazer uma atividade em que tínhamos de criar uma “máquina”, e cada pessoa representava uma parte dessa máquina. Fiz o exercício com dois colegas que estão no estabelecimento e começámos a fazer sons para montar a máquina. Achei muita graça à

forma como eles pensavam o que iriam fazer; em pouco tempo estávamos todos a rir. Para mim, foi um momento muito genuíno.

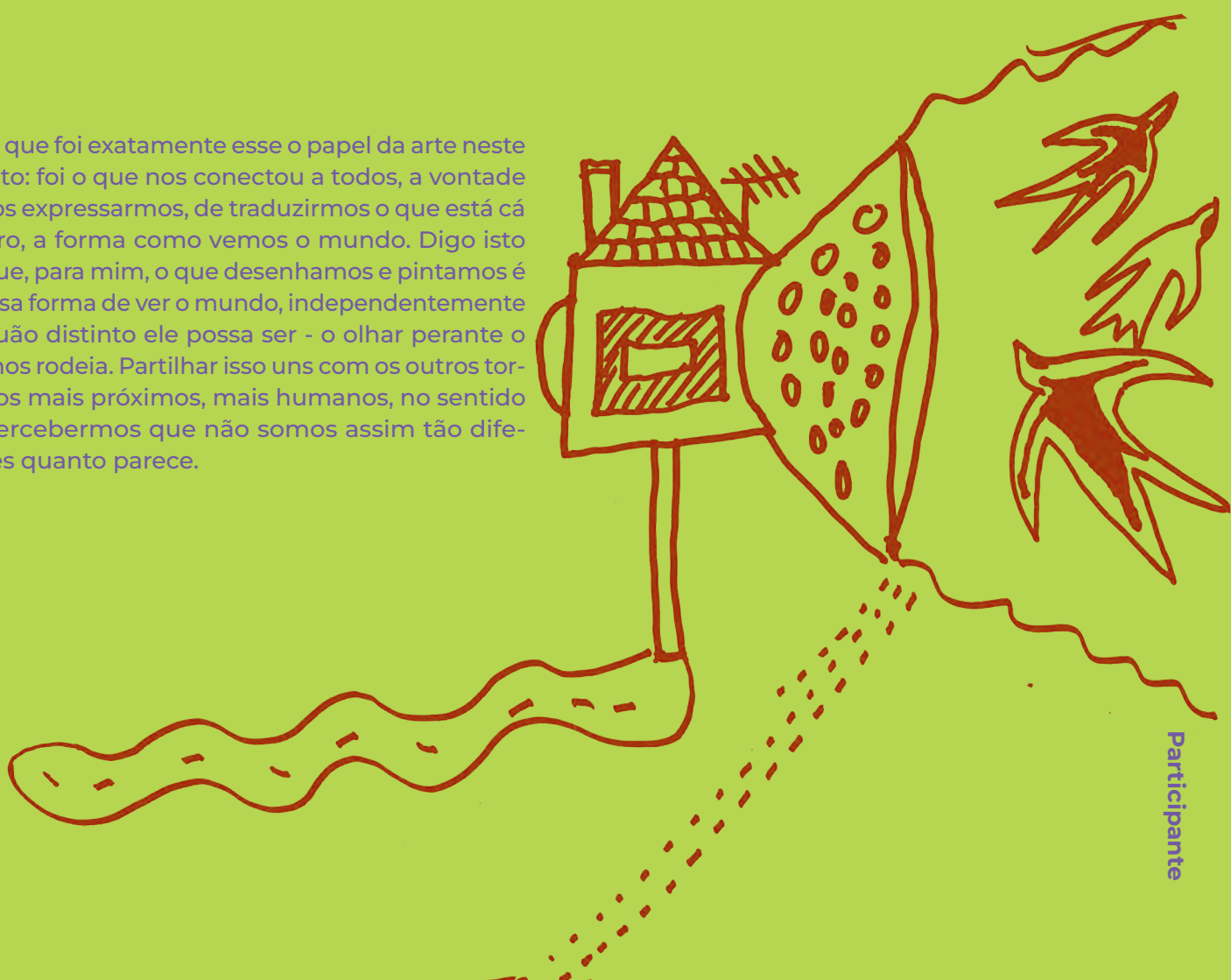
Outra atividade de que gostei bastante foi a do mural de papel, em que procurámos texturas pela universidade. Sou naturalmente muito observador, por isso foi bom poder usar essa característica nesta atividade.

Deixo a nota de que não desgostei de nenhuma das atividades, todas foram muito interessantes e trouxeram experiências novas para mim.

Como já referi, não tinha grandes expectativas, mas aprendi algo muito importante, e isto era já um pensamento que eu tinha, mas uma coisa é pensarmos e outra é vivermos a situação: não devemos julgar ninguém pela sua aparência. Devemos dar novas oportunidades às pessoas, porque elas realmente podem mudar, arrepende-se e querer fazer melhor.

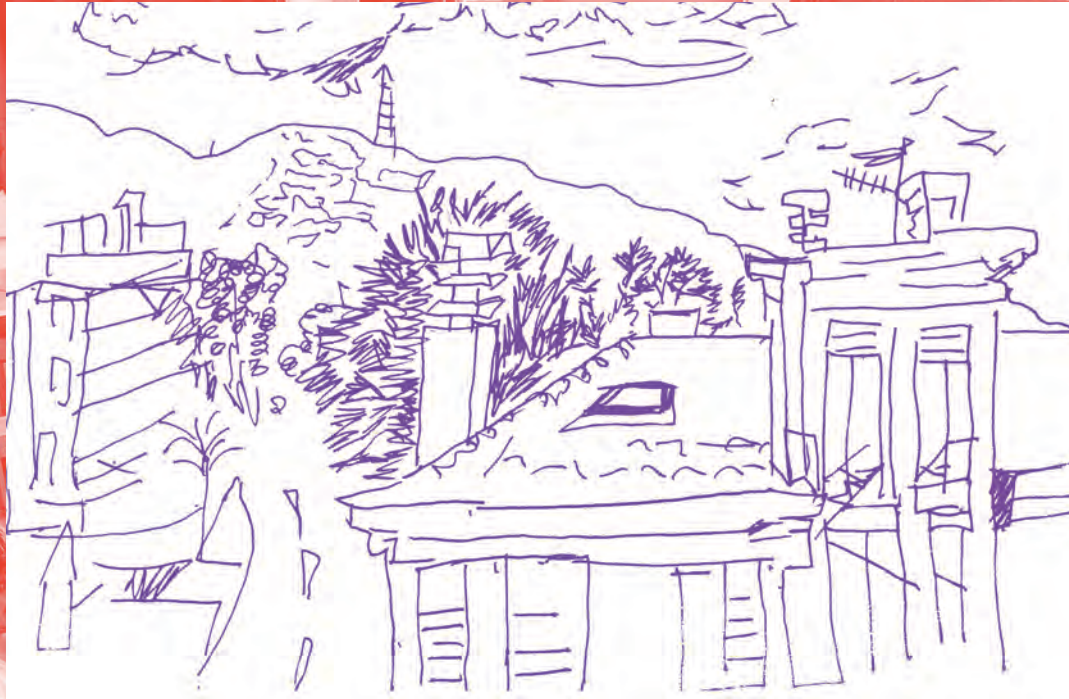
Eu uso a arte para me expressar melhor sobre o que está “do lado de dentro”. Sinto que, às vezes, sou mal interpretado, e a arte ajuda-me a traduzir o que sinto, tanto para os outros como para mim próprio. A arte torna as coisas mais claras.

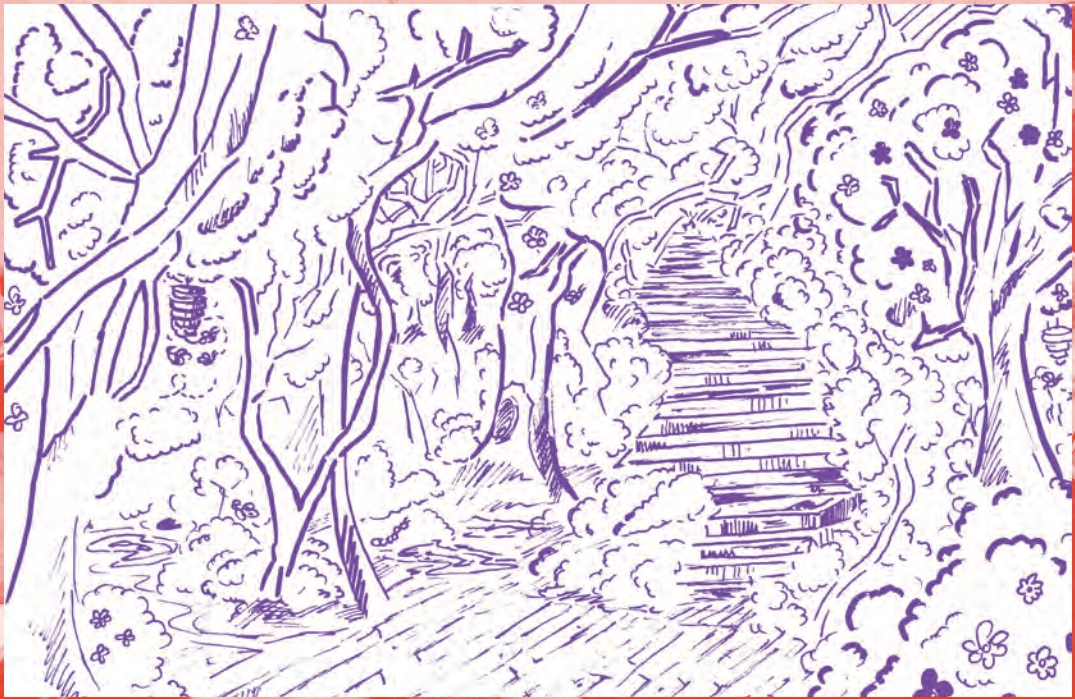
Acho que foi exatamente esse o papel da arte neste projeto: foi o que nos conectou a todos, a vontade de nos expressarmos, de traduzirmos o que está cá dentro, a forma como vemos o mundo. Digo isto porque, para mim, o que desenhamos e pintamos é a nossa forma de ver o mundo, independentemente do quão distinto ele possa ser - o olhar perante o que nos rodeia. Partilhar isso uns com os outros torna-nos mais próximos, mais humanos, no sentido de percebermos que não somos assim tão diferentes quanto parece.







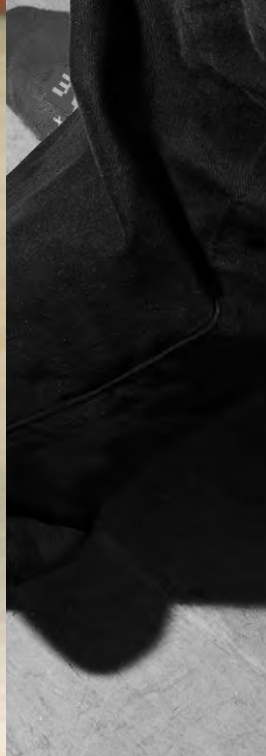




agie
l'en tot

PINKA
S





Estabelecimento Prisional do Funchal





☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

☞

comer à vontade / música / ser o que era / música
desenhar livremente / liberdade de pensar / saúde / trabalho
dormir até tarde / música / música / unhas da mão
casa, comida e dinheiro / respirar ao puro / dias felizes
trabalho / música / gym / tempo / mãe / rir
arte / esperança / atitude / coragem
estar com quem gostamos / expressões / sky diving / ser /
criar / meditação / ter um copo só meu /
compartilhar / silêncio / mergulhar no mar /
fazer o q queremos sem / nunca sem culpa / reagir /
o proibido a ninguém / dinheiro / teletransporte /
liberdade não tem preço /
não há nada q pague a liberdade /





Ó Liberdade

(a partir do contributo de todas as pessoas participantes na oficina de arte pública)

É a vontade de ser quem era
É comer à vontade
Onde a música está e desenhar o livro
Pois liberdade é pensar livre
Livre é ser
E nestes dias felizes saúde e trabalho
Onde se respira ar puro preso
Que tempo cá permite-nos escolher
Dia no ginásio e atitude certa
Visita da mãe para ter esperança
O rio do ser na coragem
Há expressão e por aí skydiving
É estar em meditação e mergulhar mais
Ver para lá do que ser quem era
O observar a plenitude e a sua verdade

Livre vem do ser
É a liberdade que sabes
E é a vontade que acredita.





No início desta experiência senti um pequeno desconforto por já não estar habituado ao convívio em grupo. Tenho fobia social e não me sinto muito confortável ao falar nem expressar o que sinto e penso em grandes grupos de pessoas, mas esta experiência tem-me ajudado muito com essas minhas dificuldades.

Achei estranho alguns jogos selecionados pelas mediadoras do projeto, nunca tinha realizado nada igual na vida, daí a minha estranheza.

Estou adorando este projeto, não só pelas pessoas incríveis que cá nos vêm visitar, transmitindo seus conhecimentos, como valores éticos e morais, e principalmente a paixão que demonstram ao exercer as suas profissões. Isso inspira-me a ser melhor e fazer melhor, valorizando as pequenas e grandes coisas da vida.

As minhas manhãs de quartas e sextas são os melhores dias da semana. Nem sempre estou motivado ao realizar as tarefas requisitadas, devido às noites que passo em branco, mas aqueles dias, são os melhores dias da semana porque sinto que estou em família.





2º
Aproveitas as oportunidades
que te são dadas?

A importância das atividades socioculturais em meio prisional

A prisão é uma tremenda educadora. Ser livre não é apenas se libertar das correntes, mas viver de um modo que respeite e valorize a liberdade dos outros. As seções socioculturais no meio prisional desempenham um papel fundamental na promoção da dignidade humana, na reintegração social e na redução da reincidência criminal. Elas englobam atividades culturais, educacionais, desportivas e artísticas que são essenciais para o desenvolvimento pessoal dos reclusos, auxiliam na reconstrução da identidade dos mesmos, incentivando valores como o respeito, disciplina, empatia e responsabilidade. Isso é crucial para prepará-los para o regresso à sociedade após o cumprimento da pena. A oferta de programas educacionais dentro da prisão proporciona oportunidades reais de mudança, permitindo que os reclusos expressem sentimentos, repensem a sua forma de vida e desenvolvam habilidades criativas, que contribuam para o seu bem-estar emocional e psicológico. Este tipo de atividades não são meros benefícios

ou privilégios, mas sim instrumentos essenciais de transformação social dentro do sistema prisional. Ao oferecerem alternativas educacionais e culturais, contribuem para um sistema mais humano, justo e eficaz na sua função de reabilitação.

Num mundo cada vez mais globalizado, a reintegração social de pessoas em cumprimento de pena apresenta-se como um desafio que ultrapassa fronteiras.

Nesse contexto, o envolvimento do projeto Trégua no estabelecimento prisional vem ganhando destaque como ferramenta eficaz para promover a inclusão social, contribuindo para uma melhor autoestima e dignidade dos reclusos que fazem parte do mesmo. Cria oportunidades reais de mudança de vida para quem frequenta o projeto, fazendo acreditar que com vontade e determinação, tudo é possível.

Diferente Para Melhor



Toda a Gente

，

，

，

，

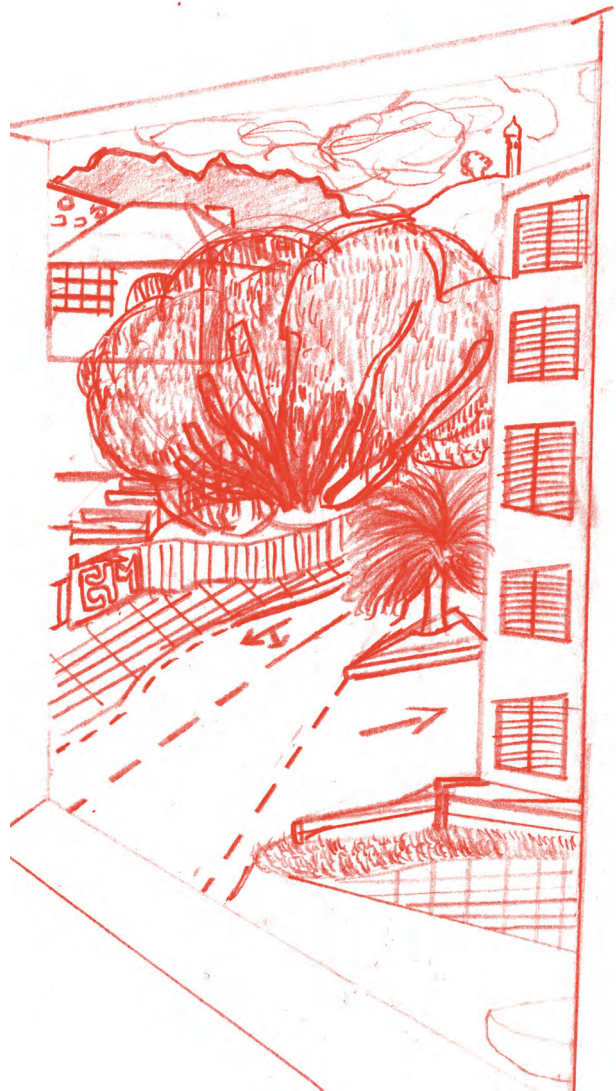
，

，

，















As pessoas, a prisão e por aí fora

Quando o projeto Trégua me fez o convite e soube que ia pela primeira vez a uma prisão, para moderar uma oficina artística com pessoas privadas de liberdade e estudantes da Universidade da Madeira, o entusiasmo foi imediato. O universo da prisão sempre me fascinou por toda a história e peso inerente ao espaço e pessoas que nele habitam. A vontade de ver pelos meus próprios olhos e confirmar, ou não, tudo o que eu imaginava.

Vários cenários hipotéticos me passaram pela cabeça para os dois dias das oficinas. Na chegada à prisão tudo batia certo com o imaginado: os guardas logo à entrada, com uma postura séria e de poucas palavras, a encarar de forma rigorosa a personagem, uns mais que outros. Ao passar a primeira fase, os corredores labirínticos aumentam e as portas de grades de ferro trancadas são cada vez mais frequentes. O cheiro a tabaco entranhado já faz parte do espaço frio, onde a luz natural se exhibe aqui e ali, num cenário cinematográfico.

Eu estava ali para coordenar uma oficina de arte

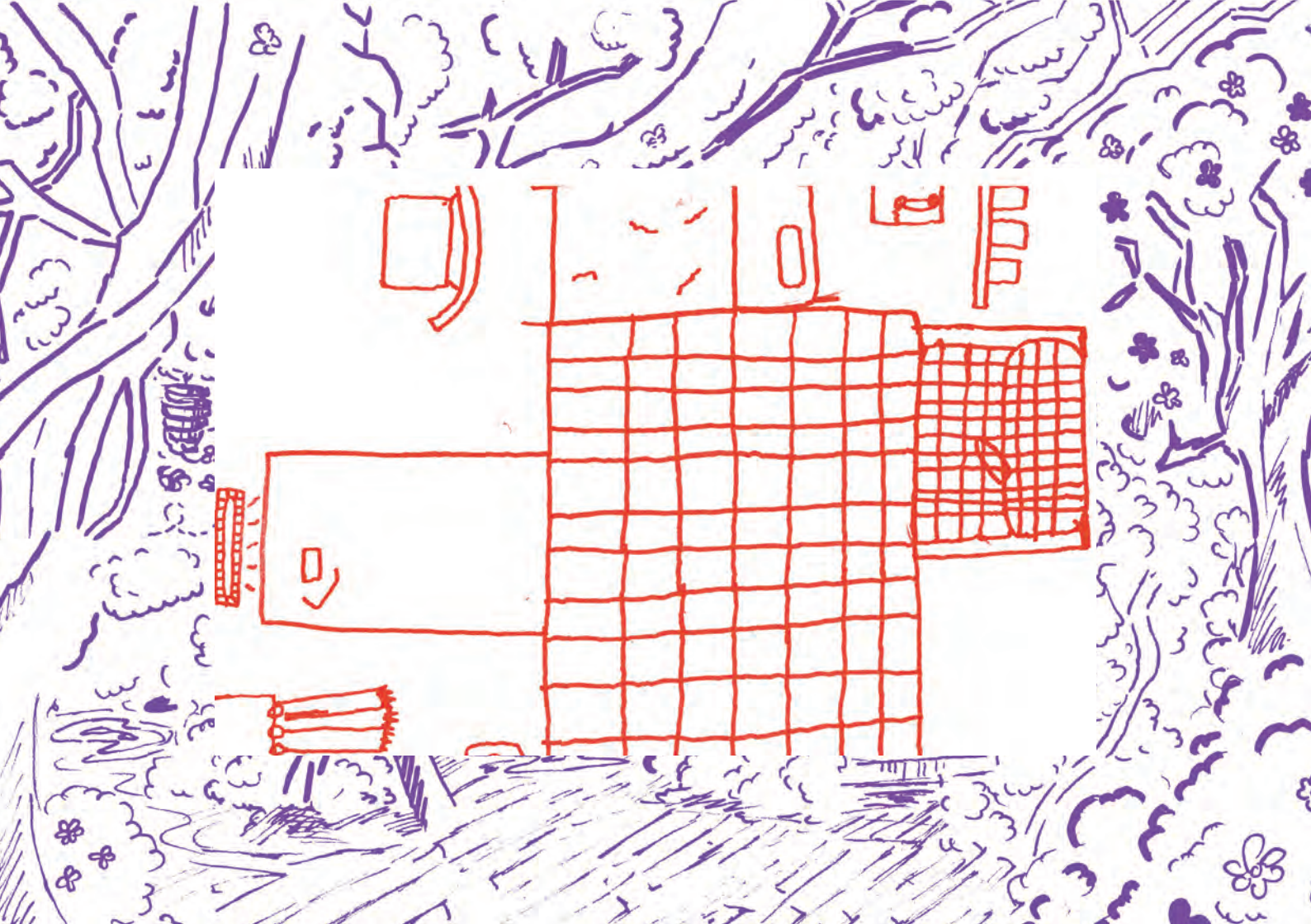
pública. Os reclusos e os alunos já se conheciam de outras dinâmicas que vinham a realizar dentro do projeto Trégua. Os alunos entraram na prisão conosco e chegámos todos ao mesmo tempo à sala onde a oficina iria decorrer. Ficámos à espera que os reclusos chegassem, o que não demorou muito tempo. As interações entre eles são ricas, principalmente quando ali naquele momento e espaço se consegue diluir quem é quem. Os momentos tornam-se poéticos e tudo é arte, o silêncio, as frases, os olhares, tudo tem mais força pela energia tensa que, apesar de diluída, se sente constantemente. A reclusão mostrando-se como uma repressão. Nesta oficina pretendia-se abordar o 'ser livre'. Num primeiro *brainstorm* foram lançadas palavras sobre o tema e 'saudades' foi das mais pronunciadas, mas tão forte como o 'anseio de um futuro melhor'.

Ali a liberdade mostra cantos que só naquele lugar são óbvios, do lado de fora são apenas trivialidades, ali são desejos e sonhos.



Durante a oficina houve espaço para criar uma peça conjunta feita com *stencil*. Com esta técnica de corte e sobreposição de formas, o erro funcionou como forma de criação, em que os movimentos permanentes de corte não destroem, mas antes criam novas soluções.











Empatia
Tempo de tempo
Um abraço com
MUITO TÃO
FAMÍLIA
em família
LIVE ABERTO







Trégua, o fantasma no parque entre muros

Escrever sobre o que sinto nas sessões do TRÉGUA é como tentar descrever uma pausa dentro de um lugar onde o tempo costuma ser pesado e repetitivo. A prisão tem os seus muros, as suas rotinas, o seu silêncio, mas, quando o TRÉGUA acontece, algo muda. É como se, por algumas horas, se abrisse um parque dentro desses muros. Um parque de cores, de movimento e de encontro.

Neste parque, as máquinas não são de ferro nem de luzes, mas de pessoas: dos gestos, das palavras, das tintas, dos risos. São movidas com leveza e dedicação pelas mentoras do projeto, que fazem girar essa engrenagem de integração e de partilha. Criam um espaço onde cada um pode ser mais do que o seu passado, um espaço onde se reaprende o significado de estar com o outro e de se reconhecer como parte de um todo.

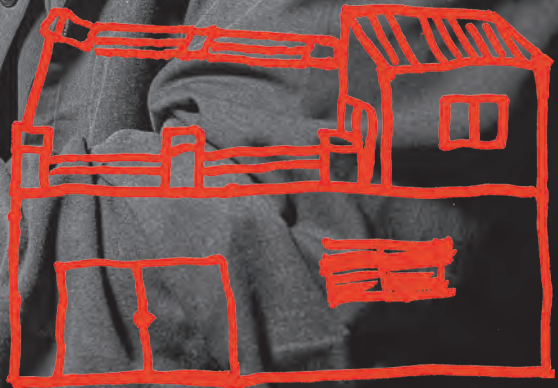
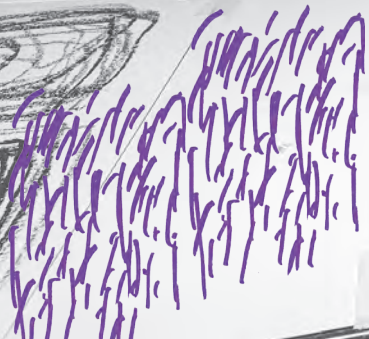
Eu, nesse cenário, sinto-me um fantasma. Não o fantasma que assusta, mas aquele que observa em silêncio, que tenta passar despercebido enquanto

registra o que vê. Um fantasma que se move entre as sombras e a luz, atento a cada olhar, a cada gesto de descoberta, a cada riso que quebra a rigidez do lugar. Ser esse fantasma é um privilégio porque vejo de perto o que acontece quando a vida insiste em florescer, mesmo onde parecia impossível.

É também inspirador ver a turma da Universidade da Madeira neste parque entre muros e pessoas que, com o pouco tempo livre que têm, escolhem estar ali, a ajudar a olear as peças, a dar movimento à máquina. A sua presença mostra que a ponte entre “dentro” e “fora” pode existir. Que, quando o parque abre, todos fazem parte dele.

O TRÉGUA é isso: uma trégua verdadeira. Um instante em que a prisão deixa de ser apenas prisão e se transforma, ainda que por pouco tempo, num lugar de humanidade, de criação e de esperança.





Chamamento para a fotos(sensibilidade)

(...)

*De pé, sobre o muro.
Face ao abismo. Olhar
a mirar a linha fugaz
do horizonte. O infinito
ou um barco. O percurso
da água. O curso
do sol. A lonjura.
Mas de pé. Sentado, não.
(...)*



Excerto de "De Pé, Sentado Não", poema de José António Gonçalves, in "Ausência",
Vila Nova de Gaia, editora Exodus, 2008.

O chamamento pode chegar pelas mais diferentes vias. O meu, veio ao final de uma tarde, igual a tantas outras, através de uma chamada telefónica. Do outro lado, as mentoras do projeto Trégua, como que cobertas pelo manto da Santa Rita de Cássia e da Santa Filomena, convocaram-me para uma causa, que muitos considerariam impossível.

Lançaram-me um convite para uma trégua, dirigida a pessoas privadas de liberdade. Um eufemismo para “recluso”, a suavizar a natureza do desafio, pensei de imediato. Na altura, ocorreu-me que seria mais adequado que o habitual disfemismo que estas pessoas recebem por parte de toda a sociedade. Despi-me de qualquer expectativa ou pre conceito e abracei o projeto, sem hesitações, como em vários outros projetos desafiantes que aceitei em contexto escolar.

Logo na primeira sessão, senti que ali se havia erguido um lugar seguro. Não pelas paredes do grossíssimo betão, com as suas estreitas bocas, adornadas pelas barras que permitem uma finíssima entrada de luz, nem pelos uniformes azul-marinho. Mas seguro pelo afeto, pelo respeito inter-

peçoal, pelo acreditar na redenção e na ideia de que não somos a soma dos nossos erros. Essa frase, repetida tantas vezes ao longo da implementação deste projeto, trouxe-me à memória uma frase de João Paulo II, proferida nas Jornadas Mundiais da Juventude de Toronto (2002): “Nós não somos a soma das nossas dificuldades e misérias, mas a soma do amor de Deus por nós!”.

Não se entenda este texto como um panegírico. Honestamente, não consigo afirmar com segurança, se o Trégua disseminou entre todos essa ideia de unidade e de amor. Sei, contudo, que no decorrer das sessões, os participantes despiram o seu fato de recluso e, nesses instantes, viram ser-lhe restaurada a sua identidade. Eram interpelados não pelo seu número de recluso, mas sim pelo seu nome. Vistas como pessoas, na verdadeira aceção da palavra, que eram cumprimentadas com proximidade e tratadas com dignidade, sem qualquer julgamento de ações passadas. Apresentaram-se todos com um inesperado esmero, que contraria todas as ideias preconcebidas de como é o aspeto físico e psicológico de um recluso que cumpre penas longas.





Coube-me a missão de dinamizar uma residência (resiliência) artística, de exploração de técnicas de impressão fotográfica alternativa, nomeadamente o quimigrama, o fotograma e a cianotipia. É ponto assente que a arte pode ser empoderadora em ambientes de privação de liberdade e que contribui decisivamente para a resiliência individual e para o desenvolvimento da autoestima. Nesse âmbito, procurei dar continuidade aos pressupostos do projeto, recorrendo à fotografia análoga como meio artístico e documental. Também como instrumento pedagógico, propiciador de crescimento pessoal e estimulador da criatividade.

O entusiasmo pela oficina foi imediato. Senti-o logo no primeiro momento, quando preparávamos o espaço para ser estanque à luz. Li, nas caras de todos os participantes, que estavam ali de alma e coração. Devido às especificidades das técnicas fotográficas implementadas, estivemos todos juntos no escuro, por vezes sob a radiação da luz vermelha, por outras no maior breu, sem pensamentos de insegurança ou de desconfiança. Juntos, apenas a explorar a fotos(sensibilidade) em curtos rasgos de luz branca horizontal.

Durante a implementação da oficina, numa das sessões que dinamizei, ocorreu uma visita oficial do recém-empossado diretor do Estabelecimento Prisional do Funchal, seguido por numerosa comitiva. Todos reunidos na câmara escura improvisada, visto que estávamos prestes a trabalhar com materiais fotossensíveis, foi necessário apagar por completo as luzes que iluminavam a sala. Alguém se distraiu da sua função de acender previamente a luz vermelha (que permite visualizar toda a ação sem comprometer o papel fotográfico, que é ortocromático) e instalou-se um silêncio ensurdecedor, naqueles confrangedores segundos em que a sala enegrecia. Foi oportunidade para aplicar o mordaz sentido de humor que me caracteriza. Nesse apagão anunciado, sem saber que reação receberia, exclamei: “cuidado com a carteira!”. A gargalhada foi geral, mas um dos reclusos meio a brincar, meio a sério, respondeu: “Já nem sei qual é a sensação de usar uma carteira!”. Essas palavras ecoaram na minha mente, e refleti muito sobre o empedernimento da condição humana, por detrás das grades. Voltei à sessão seguinte compenetrado



na missão de estabelecer uma ainda maior relação de empatia com o grupo.

A propósito, diga-se que me senti bem aceite e integrado. O discurso do projeto Trégua foi muito bem assimilado por todos os participantes e era nítido o seu compromisso para com as suas premissas. No decurso das sessões, parecia-me rodeado de jovens estudantes num ambiente escolar. Vi-me a divagar num mundo onde não havia muros, nem julgamento, apenas alegria pela descoberta e pela experimentação artística. Aliás, fiquei surpreendido pela exímia capacidade de execução por parte de todos, que não se pode desassociar das experiências passadas com os dinamizadores que me antecederam. Vi-os embrenhados na hipnotizante magia da química da fotografia, criando imagem atrás de imagem. Alegres quando tudo corria bem, e resilientes quando o resultado não correspondia ao pretendido.

Surpreendentemente (ou não), todas as sessões foram brindadas com companheirismo, entreatajuda, civismo e empenho. De entre todas as muitas horas de trabalho, só ocorreu um pequeno momento de

tensão, quando uma desatenção de um participante comprometeu alguns suportes fotossensíveis. As técnicas fotográficas não são complacentes com o erro, e um dos reclusos também não o foi para com o seu colega, que demonstrava dificuldade em assumir a sua responsabilidade. Naquela breve troca de palavras azedas, sustidas pela curta chamada de atenção da Catarina, tornou-se evidente que existe um mar revoltado para além do lago onde o Trégua fundeou, mas que, acima de tudo, existia um espaço neutro de bem-estar. Todos respeitavam e valorizavam as mentoras do projeto, e havia sido criada uma espécie de família informal.

No curto espaço temporal que estive com todos os participantes, foi possível estabelecer uma relação de mútuo respeito e de confiança. Tive a oportunidade de fotografar cada um dos participantes, em sessões individuais, onde conversámos sobre os mais variados assuntos e onde nos fixámos olhos nos olhos. Apesar dos retratos terem sido captados num espaço onde ninguém quer permanecer, e onde o tempo parece ter dimensões diferentes, o foco não foi o confinamento, nem a angústia da

sentença. A dicotomia luz / sombra, que são princípios muito prementes na fotografia, tem também no seu âmago, uma carga simbólica muito intensa. Luz é vida, felicidade, alegria, salvação, libertação. A sombra representa tudo o contrário. Esses estados de espírito foram então a premissa desta honesta captura de imagens, que serviram como base para as expressivas e estéticas impressões fotográficas que estávamos a realizar.

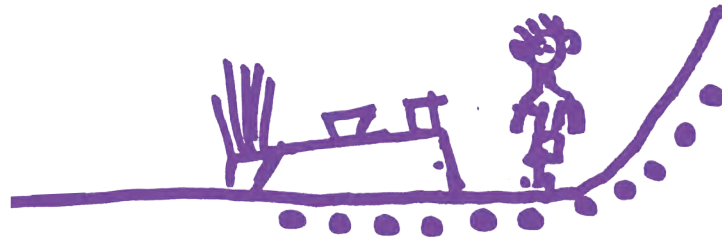
Essas fotografias para além desse sentido prático, alcançaram também outros propósitos. O olhar acrítico e positivista promoveu a autoestima e a reconexão com o sentir-se humano. Muitos pediram cópias extra, para as enviar aos seus entes queridos, numa busca do fortalecimento dos seus laços familiares e numa espécie de reavivar do orgulho em si próprio. Promoveu, em simultâneo, o olhar singular sobre o espaço e o tempo da reclusão, numa ação plena de potencial terapêutico e de aproximação à experiência sensível e subjetiva destas pessoas privadas de liberdade.

Em retrospectiva, sinto que a participação neste projeto foi muito enriquecedora não só para mim

próprio, como também para todos os envolvidos. Todo o processo privilegiou as estratégias de ensino ativo, promoveu o diálogo, o trabalho colaborativo e a experimentação sensorial. Os participantes, cada um à sua medida, expressaram sentimentos de valorização, de pertença ao grupo e de satisfação com o concretizar de várias ações criativas num ambiente adverso. Notou-se, ainda, um impacto positivo ao nível da comunicação interpessoal, na medida em que o processo de partilha e de apreciação das imagens favoreceu a construção de narrativas de vida e a escuta ativa dos pares.

Não é por demais relevar a importância de programas artísticos enquanto instrumentos de inclusão social, cidadania e reconstrução identitária. Reforça-se, assim, o papel da arte como mediadora de transformação pessoal e coletiva, mesmo em ambientes marcados pela privação de liberdade.

O Trégua continua e recomenda-se!





Era outubro, tinha acabado de afixar as minhas três fotografias numa das paredes da galeria, após uma estadia de dezoito dias na Selvagem Grande. O objetivo: captar a vivência e a atmosfera dos guardas da natureza em contexto de ilha deserta.

No meio de um afluyente grupo de interessados, as mentoras do projeto, com uma proposta que me massajou a curiosidade: “Que te parece fazer um documentário dentro da prisão?”. A pergunta era impossível de causar indiferença, principalmente logo após uma experiência tão transformadora que tinha acabado de viver há menos de duas semanas. Instintivamente, aceitei o desafio e alguns meses se passaram.

A visita às instalações e uma reunião preliminar aconteceu. Advertências, molhos de chaves, barreiras e portas gradeadas foram os protagonistas iniciais. O sentimento de novidade encheu-me; a digestão, mais lenta do que o habitual. Viver esta surpresa ao mesmo tempo que o restante grupo foi diferente. Estávamos a embarcar numa história que iria mudar as nossas vidas para sempre.

As expectativas e os estereótipos herdados estavam presentes, mesmo para as mentes abertas, típicas de quem trabalha no meio artístico. O medo do desconhecido estava lá, num canto da sala; não evidente, mas a observar de longe, mesmo assim.

Captar a atmosfera era apetecível, a estética era absorvente. Mergulhar naquele mundo era algo novo. Fascinado, percebi que o verdadeiro objetivo não eram os recantos das oficinas ou os números que cada casaco bordava, mas sim as pessoas, os participantes.

Doze reclusos, de idades diversas e com histórias de origem variadas, entraram nas primeiras sessões às cegas. A maioria confessou-me, mais tarde, que “não sabia ao que vinha”, mas que estava disposta a arriscar — ato louvável, a meu ver. Entregaram-se ao desconhecido da mesma forma que nós o fizemos. Criou-se um sentido de responsabilidade de um grupo para com o outro. Aos poucos, as paredes caíram e a liberdade interior começou a tomar forma. Alguns descobriram uma vocação, outros um propósito, outros ainda um escape meditativo.



O coletivo respirava em uníssono e eu, muito certo de que deveria permanecer invisível durante o processo — quase como aquela “mosca” que já desejamos ser em ocasiões em que o voyeurismo impera na mente — quis filmar o documentário quase da perspectiva do exterior para o interior. Talvez satisfazendo um voyeurismo pessoal? Quiçá. No entanto, a história tomou outros contornos nas entrevistas: aos artistas, perguntas de contextualização e exposição; aos reclusos, uma camada mais profunda, que para mim foi a única oportunidade que tive de poder conversar com eles frente a frente, sem ouvidos segundos. Uma partilha sincera, com algum custo logístico e burocrático, mas que valeu todo o esforço.

Sinto-me honrado até hoje por ter feito parte deste projeto. Como já partilharam comigo: na verdade, levamos mais connosco do que deixamos, e deixamos muito de nós, mas somos nós os verdadeiros aprendizes.











LIBERDADE

5
4 BRIL

JANELA

QUERO
OVER
TR

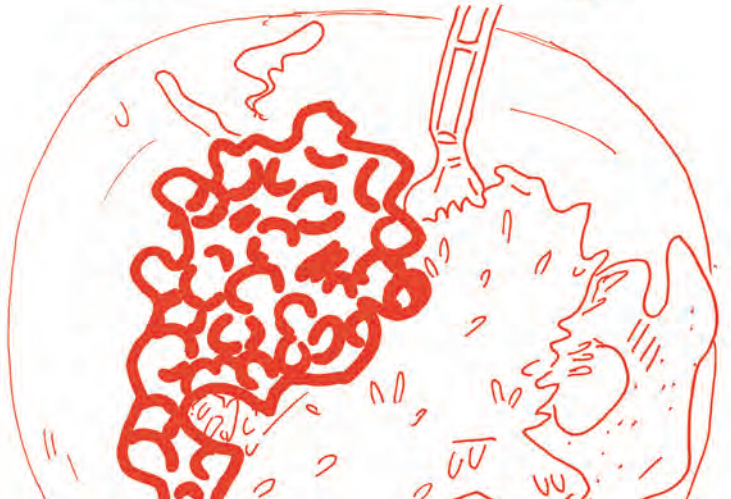
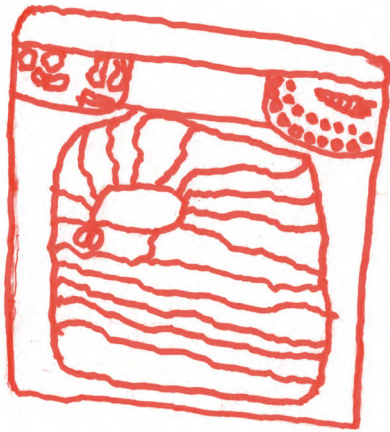


LIBERDADE

dear

dear

Yimta



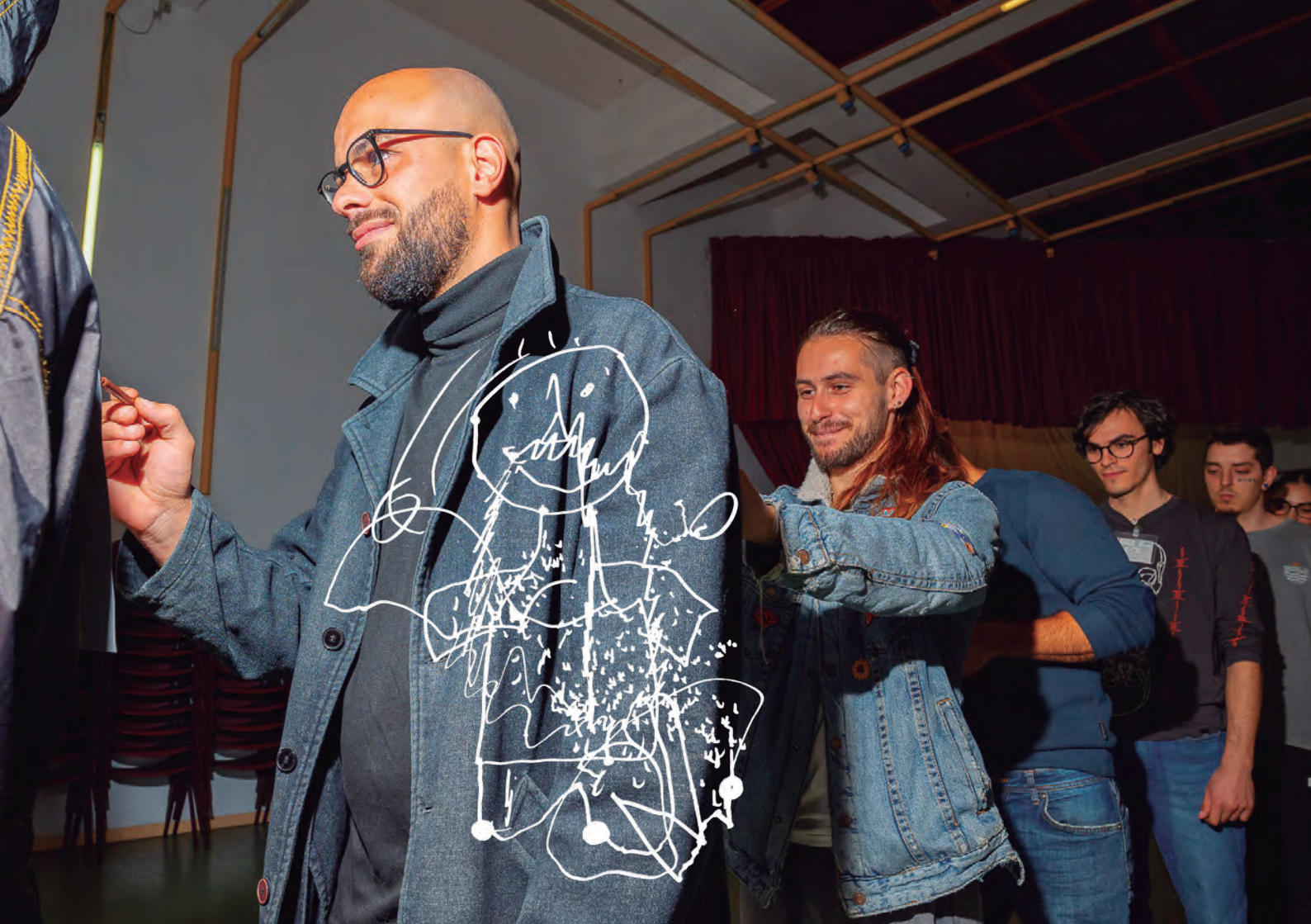


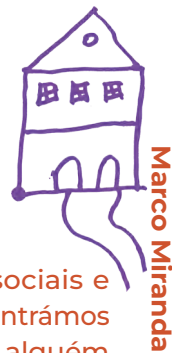


A photograph showing the backs of two men embracing. The man on the left is wearing a blue jacket and has several tattoos on his left hand and forearm. The man on the right is wearing a grey long-sleeved shirt and has a tattoo on his neck. The text 'ABRAÇAR OS MEUS' is overlaid in white, handwritten-style capital letters across the center of the image.

ABRAÇAR
OS
MEUS







Quando as pessoas, e as fotografias, se revelam

No início, era a liberdade, e as suas condicionantes — que são muitas. Depois, veio o delito, mas não podemos ser definidos por apenas uma coisa, quer seja substantiva ou adjetiva. Trégua ao homem unidimensional.

Ainda depois, veio a arte com o projeto Trégua. Desta vez, vieram também os estudantes da UMA (Universidade da Madeira), também porque somos todos um/(a) e todos portadores de um saber que só pode ser universal se o quiser ser verdadeiramente. Atualmente, são 7 pessoas em situação de reclusão, todos homens, mas o projeto também já trabalhou com 7 mulheres, entre outubro de 2024 e abril de 2025, navegando entre a costura e a serigrafia. Trégua às discriminações de género.

Intra muros não há o “Dubai na Madeira”, nem o destino turístico multipremiado, mas há gente, muitas vezes de contextos familiares muito depauperados, de violência, e de toxicodependência. Trégua à armadilha do exotismo da ilha.

Muitas destas pessoas vêm de bairros sociais e voltam a bairros sociais; Quantos de nós já entrámos num bairro social? Quantos conhecemos alguém que lá viva? Quantos já aí visitámos uma família? Trégua ao bairro-social-prisão-a-céu-aberto.

As câmaras de eco não são apenas potenciadas pelas redes sociais, e do uso que escolhemos fazer delas, mas também por políticas públicas que nem sempre optam pela importância da heterogeneidade socioeconómica no planeamento urbano. Trégua aos preconceitos.

O público-alvo desta publicação é, como não podia deixar de ser, toda a gente — o mesmo título, que provém de um poema do participante José, da exposição na Galeria Impulso, com uma curadoria democrática em que todos participaram e decidiram o que expor —, pois necessitamos de todos para voltar a integrar quem de nós foi apartado quando a nós volta, e não saber acolher é talvez uma das grandes maleitas do séc. XXI, herança do séc. XX.

Trégua aos estereótipos.

O projeto Trégua não esquece o contexto das pessoas em situação de reclusão, mas redireciona o nosso olhar, e o nosso entendimento, para a beleza de quem lá está, despojado do que é acessório; e se o cadastro cultural substituísse — não apenas durante aquelas 2h30 das quintas-feiras — o cadastro criminal? Trégua ao olhar unívoco.

Na Cristiana, encontrei a beleza de ver arte a ser criada num estabelecimento prisional, e na Catarina, a inteligência da palavra adequada no momento certo, não esquecendo que, por vezes, a palavra certa é um olhar. Trégua à fealdade.

Na dimensão de arte pública que o projeto encerra, como o mural no pátio interior do estabelecimento prisional, o trabalho em stencil efetuado com Tiago Rodrigues (Timeq), ou a obra de arte colaborativa que está prevista para um lugar a determinar, há uma propensão para dizer ao que vamos, pensar o que com aquilo queremos fazer, qual é a nossa asserção de partida, que comunidade-ponto-de-chegada queremos? Trégua ao navegar apenas com a costa à vista.

Há também a vontade coletiva, essa sim, férrea, como as parcerias que foram surgindo, sendo exemplo disto as t-shirts Trégua utilizadas pela equipa do Barreirinha Bar Café, e a sua abertura por aquela varanda atlântica, onde também se apresentou o premiado documentário de André Moniz Vieira sobre o projeto. Trégua à invisibilidade.

«Não sabemos muito bem o que vai acontecer, as coisas são muito vivas», disse a Cristiana; e haverá uma melhor definição da vida? Não saber o que vai acontecer, em contexto prisional, a que o Trégua adiciona um cunho criativo, é a maior liberdade que talvez se possa dar a quem dela foi privado. A sociedade não pode é perder de vista que esta privação é temporária pois fazemos comunidade com todas, todas, todas. Trégua ao ostracismo.

Os 14 estudantes universitários, rapazes e raparigas do segundo ano do curso de Artes Visuais da UMa, participaram com as pessoas reclusas na prática do Trégua, quer seja na correspondência visual, partilhada entre estudantes e pessoas reclusas, em que cada um manteve um diário visual, partilhando

desenhos — na base de desafios lançados semanalmente — com o seu correspondente. Quando foi, por exemplo, pedido às pessoas reclusas que desenhassem o que viam da sua janela, algumas foram até ao pátio e desenharam a sua própria janela. A importância de subverter o que nos é pedido, e adotar uma outra perspetiva, deve poder coexistir em nós. Trégua ao não praticar a liberdade com quem dela está privado.

A Cristiana disse-me que de alguns quadrantes da UMA houve inicialmente alguma relutância na participação dos estudantes universitários no projeto, o mesmo ceticismo veio de alguns antigos participantes no Trégua relativamente aos novos participantes; e, no entanto, movem-se Trégua ao descrédito de todos aqueles que nos parecem não poder, e que tanto nos ensinam.

Em suma, na base da correspondência visual, da fotografia analógica — com Marco Gonçalves —, da edição impressa desta *fanzine*, revelam-se pessoas, como algumas das fotografias que foram tiradas, onde podemos ver algo que, por vezes, nem sabíamos ter presenciado.

O autoconhecimento — pelo traço ou pelo abraço, a «audácia da confiança», o contacto [que se quer com tacto] demoram o seu tempo, mas são fundamentais, e tudo isto se depreende das fotografias que retratam o vínculo entre estudantes e pessoas reclusas. À Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, o mais importante parceiro do projeto, de continuar a compreender, e a incentivar, isto mesmo.

Mesmo na cadeia, as pessoas reclusas não se conhecem todas, sobretudo se estiverem em alas diferentes. Estão em alas, mas só são alados quando eventos e/ou projetos como o Trégua lhes permite que se conheçam, que se deem as mãos.

Escrevo dois dias antes de o documentário do Trégua ser mostrado naquela tela — por detrás da Casa da Cultura de Santa Cruz — que dá para o Atlântico, um oceano que começa à babujinha e que vai para além da compreensão, mas não da imaginação. O som dos aviões, que trazem e levam almas, e o marulhar entrecortará a conversa que se seguirá sobre «O que pode a arte em contexto prisional»? Incumbe-nos a nós responder e continuar



a pôr em prática as respostas. Se virmos bem, o Projeto Trégua também nos ensina que temos de nos deixar habitar pelo que não conhecemos, caso contrário nunca deixaremos de ser ultraperiféricos e nunca saberemos olhar para além do óbvio.







PAULO

WISBOW

ESPAÇO
LIBERDADE
CANAÇA
LIBERDADE
MUITOS
RESISTÊNCIA

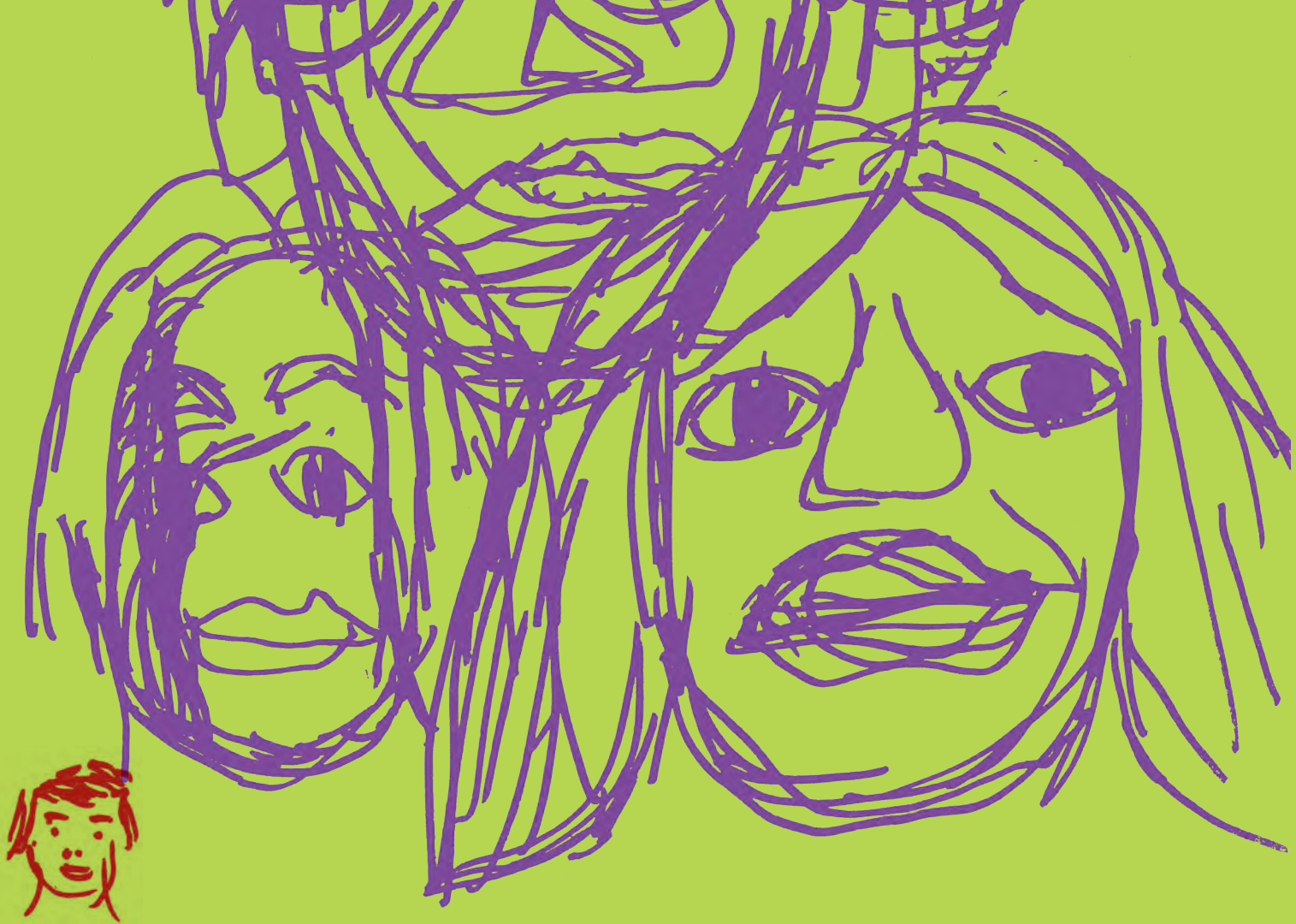
PIEDRO

JUSTIÇA

RESISTÊNCIA

horizonte







tręszna

promotor:

COZA univisual

financadoras:

PARTISAN
ART & PHOTOGRAFY

uma iniciativa:

FUNDACIÃO
GULBENKIAN

BPI

FRACAL'S SCHOOL

patrocinador:

DGRSPJ

fundação
RENATTA

FRACAL

FRACAL





e por aí fora

casa invisível

